

## OS TIRIYÓ NO QUADRINHO: DA “GUIANA BRASILEIRA” AO IMAGINÁRIO ALEMÃO.

EL TIRIYÓ EN EL CÓMIC: DE LA “GUAYANA BRASILEÑA” AL IMAGINARIO ALEMÁN.

THE TIRIYÓ IN THE COMIC: FROM “BRAZILIAN GUYANA” TO THE GERMAN IMAGINARY

### MENDONÇA, JOANAN MARQUES DE

Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande

E-mail: joananmarques@hotmail.com; Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0310-4721>

#### RESUMO

O presente texto é um breve estudo sobre a participação Tiriyo no quadrinho alemão “*Fix und Foxi*”, no qual pretende-se analisar os interesses que motivaram essa presença na revista, assim como também a contribuição do redator para a pesquisa indígena. Influenciado por uma literatura do século XIX, o relato versa entre a imagem exótica da Amazônia e a dura realidade vivenciada pelos indígenas estadunidenses no seu processo de colonização. Sua viagem ao Brasil é o registro de um país em movimento. O avanço da fronteira norte no governo militar, não significou apenas o desejo de integração econômica e social da Amazônia, mas acima de tudo, evidenciou a existência de um cenário hostil imposto aos povos indígenas, que para a implementação de um projeto exclusivamente econômico, haja vista à introdução de empresas na Amazônia e apropriação do território indígena, tenha possibilitado o cerceamento da liberdade devido o realocamento dos grupos étnicos, havendo inclusive a morte daqueles que se manifestaram contra a implantação de estradas federais. Buscando alcançar o intento desta pesquisa, analisamos o texto da revista *Fix und Foxi* em diálogo com a Antropologia, assim como a utilização de fonte documental produzida na época.

PALAVRAS-CHAVE: Tiriyo; missão; Alemanha; quadrinho.

#### RESUMEN

El presente texto es un breve estudio sobre la participación de Tiriyo en el cómic alemán “*Fix und Foxi*”, en el que se pretende analizar los intereses que motivaron esta presencia en la revista, así como la contribución de este escritor a la investigación indígena. Influenciado por una literatura del siglo XIX, su relato trata entre la imagen exótica de la Amazonía y la dura realidad experimentada por los indios americanos en su proceso de colonización. Su viaje a Brasil es el récord de un país en movimiento. El avance de la frontera norte en el gobierno militar, no sólo significó el deseo de integración económica y social de la Amazonía, sino que, sobre todo, evidenció la existencia de un escenario hostil impuesto a los pueblos indígenas, que para la implementación de un proyecto exclusivamente económico, dada la introducción de empresas en la Amazonía y la apropiación del territorio indígena, ha permitido el retroceso de la libertad debido a la reubicación de grupos étnicos, incluyendo la muerte de aquellos que se pronunciaron en contra del despliegue de carreteras federales. Buscando lograr la intención de esta investigación, analizamos el texto de la revista *fix und foxi* en diálogo con Antropología, así como el uso de la fuente documental producida en ese momento.

PALABRAS CLAVES: Tiriyo; misión; Alemania; cómic.

#### ABSTRACT

The present text is a brief study on Tiriyo's participation in the German comic “*Fix und Foxi*”, in which we intend to analyze the interests that motivated this presence in the magazine, as well as the contribution of this writer to indigenous research. Influenced by a literature of the nineteenth century, his account deals between the exotic image of the Amazon and the harsh reality experienced by the American Indians in their colonization process. Your trip to Brazil is the record of a country on the move. The advance of the northern border in the military government, not only meant the desire for economic and social integration of the Amazon, but above all, evidenced the existence of a hostile scenario imposed on indigenous peoples, which for the implementation of an exclusively economic project, given the introduction of companies in the Amazon and appropriation of indigenous territory, has enabled the recedonof freedom due to the relocation of ethnic groups, including the death of those who spoke out against the deployment of federal roads. Seeking to achieve the intent of this research, we analyzed the text of *fix und foxi* magazine in dialogue with Anthropology, as well as the use of documentary source produced at the time.

KEYWORDS: Tiriyo; mission; Germany; comic..

## INTRODUÇÃO

Estabelecidos na região Noroeste<sup>ii</sup> do Pará na fronteira com o Suriname, os Tiriýó vivem atualmente uma situação bastante peculiar. Contatados pelos Franciscanos no final da década de 1950, a pedido dos militares da Força Aérea Brasileira com o escopo de construir uma Missão religiosa e, conseqüentemente, facilitar a introdução de uma base militar na região, o projeto buscava estender o domínio do Estado, salvaguardando os seus interesses frente à presença constante de estrangeiros no local (FRIKEL, 1971). No período que antecedeu a Missão, os Tiriýó viviam dispersos no seu território mantendo relações entre si através de trocas, conflitos, relações matrimoniais e religiosas (GALLOIS, 2005). Com o advento dos agentes surgiu a necessidade de centralizá-los próximos à base militar, tendo em vista a exploração da sua força de trabalho, necessária para a construção da estrutura da Missão e da base militar. Sendo assim, seria necessário a implantação de um projeto que os tornassem autossustentáveis, não carecendo importar todos os alimentos oriundos da cidade. Por sua vez, manter esses indígenas seminômades em um lugar fixo e fazê-los trabalhar a serviço da Missão seria uma tarefa árdua, considerando sua autonomia alimentar na floresta e sua forma tradicional de trabalho não acumulativa.

A Missão foi construída na aldeia do “pata entu” Yonaré”, líder desbravador daquele local, responsável por acolher os religiosos franciscanos nos primeiros contatos. Os missionários se utilizaram dos indígenas recém-contatados para convidar os seus pares ao convívio com os religiosos, garantindo, dessa forma, o acesso à instrumentos de trabalho como facão, foices, machados, panela etc. A presença dos religiosos se fez eficaz no combate às epidemias contraídas no contato, ajudando inclusive os indígenas que chegavam à Missão numa situação vulnerável, devido os contatos desordenados com os exploradores de riquezas naturais na região (FIKEL, 1971).

A visita de Martin Jenssen à Missão Paru de Oeste em 1972 tem como pano de fundo esse cenário. Mesmo envolto por uma barreira cultural que lhe impossibilitou de tratar das questões pessoais vivenciadas pelos Tiriýó no seu processo de socialização, haja vista à falta de domínio da língua Tiriýó, a sua análise evidencia a existência de um projeto do governo brasileiro para a Amazônia. Para além dos limites apontados na sua impressão, o objetivo desta pesquisa é discutir a sua contribuição para a história indígena no Brasil, cuja análise das fontes documentais e bibliográficas introduzidas, buscarão consolidar o presente estudo.

## REPENSANDO O INVESTIMENTO E A ESTRUTURA

As primeiras duas décadas de existência da Missão Tiriýó serviram para a sua estruturação. Pensando, a longo prazo, na inserção<sup>iii</sup> desse grupo étnico na sociedade brasileira, foram criadas oficinas de trabalho, escola, posto de saúde, estradas, loja, capela, olaria, serralharia e padaria. O objetivo pensado pelos militares e religiosos nesse projeto seria de capacitá-los com uma profissão e, ao que tudo indica, dispor de uma formação cultural que lhes permitisse transitar no universo material e simbólico brasileiro. Para esse fim, os militares assistiriam à Missão com sua ajuda técnico-especializada, dispondo de médicos, engenheiros, transporte aéreo etc., e conferiria aos missionários franciscanos autonomia na execução do seu projeto evangelizador<sup>iv</sup> (FRIKEL, 1971).

Para empreender qualquer tipo de mudança seria necessário envolver os indígenas com a sua força de trabalho. Para aqueles que trabalhassem nos serviços ofertados pelos missionários receberiam o seu pagamento em produtos, o qual exigia-se um acordo prévio antes da empreitada, ou em dinheiro, se porventura o serviço foi prestado aos militares, havendo, dessa forma, uma movimentação a partir da compra de alimentos industrializados, material de trabalho e outros acessórios na loja da Missão. O objetivo dessa relação de trabalho remunerado era inseri-los na dinâmica brasileira, que se encontrando por sua vez capacitados, assim eles poderiam relacionar-se noutra situação em qualquer parte do país<sup>v</sup>.

Os missionários contavam, para o sucesso da Missão, com doações feitas por fiéis de todo território da Província Franciscana<sup>vi</sup> e, principalmente, da caridade oriunda de fiéis alemães (GLASER, 1972). O trabalho dos religiosos era difundido a partir da venda de artesanatos, na propaganda feita a empresários alemães, por meio de veículos informativos de naturezas diversas, e como no caso em estudo, através da revista “*Fix und Foxi*”. A generosidade alemã é presente ainda hoje no maquinário existente na Missão, sendo eles tratores, 1 unimog, turbina da pequena hidrelétrica, máquinas para as oficinas etc (FRIKEL, 1971). O uso desse maquinário consistia na transformação do



ambiente geográfico, ajudando na abertura de algumas áreas para o cultivo agropecuário, pontes, estradas, móveis, bancos para a igreja, portas e casas.

### “FIX UND FOXI”: A MISSÃO TIRIYÓ QUADRINHO GERMÂNICO

A *Fix und Foxi*<sup>vii</sup>, revista criada na década de 1950 pelo editor Rolf Kauka, na cidade de Munique, representou para os alemães um importante instrumento de informação e divertimento, atraindo com suas duas raposas aventureiras e cômicas, um público jovem e adulto. Esse sucesso deve-se em parte ao crescimento<sup>viii</sup> econômico ocorrido na Alemanha Ocidental, alicerçada no êxito da reforma monetária e do seu contínuo processo de reconstrução iniciado com o fim da II Guerra Mundial, como também à capacidade criativa de Rolf Kauka. Para o Museu Ludwig Galerie, que sediou a exposição da revista entre os meses de junho a setembro de 2018, intitulando essa mostra com o tema: “*FIX & FOXI-Rolf Kauka, o alemão Walt Disney, e sua raposa cult*”<sup>ix</sup>, consagra o seu êxito à qualidade de um desenho colorido e à parceria contratual de desenhistas internacionais experientes, vinculados a ele por uma marca. Outro aspecto importante na sua revista deve-se à utilização de personagens e histórias de quadrinhos estrangeiros, a exemplo do franco-belga Smufs e Lucky Luke, que ao serem introduzidos no país dividiam o mesmo espaço com as raposas na revista.

Ao ser criada em 1953, o autor idealizou os seus primeiros personagens baseando-se no folclore alemão. Todavia, o quadrinho só obteve sucesso após a inserção de animais e, principalmente, a partir do 6º episódio, quando foram apresentadas ao público as duas raposas. Kauka e sua equipe foram responsáveis pela criação de inúmeros personagens, mas foram Fix e Foxi que mais se destacaram, ao ponto de cederem seus nomes para a revista. O quadrinho manteve-se produtivo nas mãos de Kauka até 1973<sup>x</sup>, quando a editora foi vendida, passando dessa forma por uma série de reformulações, e até passando a ser publicada por outros editores. Na tentativa de acompanhar as transformações e o gosto do mercado, a *Fix und Foxi* foi adaptada para uma série de TV e exibida na Alemanha em 2000.

### ANALISANDO OS TEXTOS NA REVISTA

Falar dos Tiriyo no quadrinho alemão “*Fix und Foxi*” é chamar o seu leitor para uma aventura na Amazônia<sup>xi</sup>. Não é de agora que a região amazônica desperta o interesse e a curiosidade estereotipada de viajantes e de leitores europeus, que fascinados com a diversidade presente na fauna, na flora e na sua gente, reproduzam as mais diversas imagens no seu imaginário. O diferente passa a representar o oposto de uma “cultura civilizada”, que teve o seu espaço natural há muito explorado, haja vista as tantas transformações culturais e econômicas ocorridas no velho continente (TODOROV, 1993). O que se vê sobre a Amazônia é a representação forjada por pensadores do século XIX, a qual se configura na imagem de um paraíso terrestre com sua natureza harmoniosa, que remete ao absoluto domínio do ecossistema sobre o homem com seu vasto recurso ambiental, terra livre e despovoada (OLIVEIRA, 2016). O paraíso evoca a ideia de uma sociedade sem conflito e inocente, em oposição à experiência hostil europeia de guerra e de agressão ao meio ambiente com seus centros urbanos poluídos (L’ESTOILE, 2019). A Amazônia, juntamente com a Índia, África e Oceania foram o cenário perfeito para os tantos romances que influenciaram o imaginário na França, Alemanha e Inglaterra, popularizando-se através dos livros de viagens e, principalmente, das famosas ficções de romances e novelas (OLIVEIRA, 2016).

O antropólogo João Pacheco de Oliveira, no livro *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil, publicado no ano de 2002*, teceu uma crítica ao método do funcionalismo britânico, na qual reduzia os documentos históricos e relatos de viagem a mera informação subsidiária e introdutória, priorizando apenas a experiência de campo, ressaltando por sua vez, a importância desses relatos para o estudo etnográfico. O autor faz o levantamento desses relatos no Alto Solimões e analisa suas informações, assim como a formação intelectual dos viajantes, interesse da pesquisa, financiamento, lugar de origem e o ano da visita. Segundo o autor, o pesquisador moderno deve ter clareza que o cronista, com sua obra, está situado em um determinado contexto, no qual obriga-o a observar o tempo e espaço, para que assim sejam evitadas generalizações duvidosas e se contemple o que é mais importante, o material em estudo.

Pensar os Tiriyo nesse espaço imagético nos leva a fazer inúmeras perguntas, principalmente sobre os reais interesses que envolvem a participação Tiriyo na revista. De antemão, vale lembrar que a “*Fix und Foxi*” é lembrada pelo curador



do Museu de Hannover em uma entrevista concedida ao jornal "Handelblatt"<sup>xii</sup> em 2016, como sendo uma revista educativa, comprometida na construção de uma imagem positiva do povo alemão, e assim contribuindo com a formação de crianças, jovens e de adultos, e despertando nos seus leitores o hábito pela leitura e a curiosidade por assuntos diferenciados.

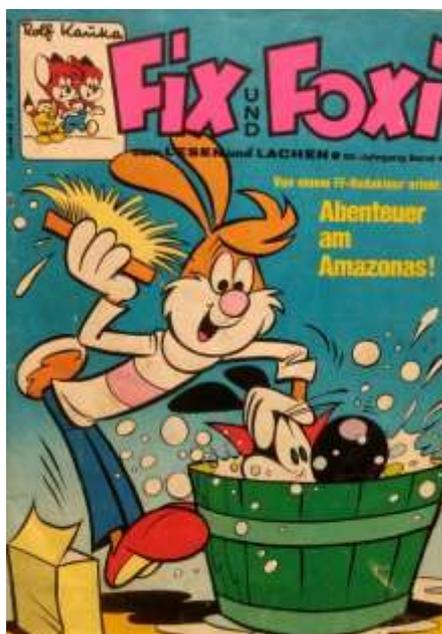
Rolf Kauka, apresentando o grupo amazônico na revista, compartilha a sua visão estereotipada pautada na construção de um índio estadunidense, mas conhecido como os "peles vermelhas" do "Far West" (FIX UND FOXI, 1972. N° 44, p2). Como é de se esperar, sabemos que essa construção foi fruto de uma política dos Estados Unidos para a Alemanha Ocidental, dominando aquele mercado com sua propaganda política, seus produtos e, principalmente, por meio da produção hollywoodiana. Kauka, na mesma apresentação, faz menção à inevitável luta travada entre os Tiriyo e não-índios, podendo vir ocorrer o mesmo que aconteceu com os indígenas estadunidenses, que, para defender as suas terras de invasores, foram lavados num "banho de sangue" por meio de um confronto desigual. Para ele, possivelmente influenciado pelos missionários, a solução encontrada para esse triste fim seria através da socialização dos indígenas, na qual eles passariam a resistir de forma sedentária ao aprender agricultura, comércio e venda de 'artesanato'. Nessa lógica, o governo brasileiro buscava impedir que esses conflitos descomuns pudessem ocorrer, proporcionando nesses lugares a presença de pessoas altruístas, empenhadas na transformação daqueles que se encontravam em mudança entre a "idade da pedra para a era atômica"<sup>xiii</sup> (FIX UND FOXI, 1972. N° 44 p.2).

## OBJETIVO DO TEXTO

O texto produzido pelo redator Martin Jenssen sobre os Tiriyo, em 1972, foi editado ao público em três partes e publicado semanalmente. A primeira parte se limitou à narrativa da viagem ao Brasil, descrevendo como Jenssen chegou ao país, e de como se dirigiu para a Missão. As outras duas partes retratam a sua óptica de viajante entre os índios, relatando sua experiência e convivência, demorando na Missão duas semanas.

A edição 44 da revista foi lançada com o tema em destaque "Aventura na Amazônia: vivenciado por um redator da Fix und Foxi"<sup>xiv</sup>, porém sem a utilização de imagens indígenas na capa. Como podemos ver abaixo, o anúncio chama o público à aventura. Como qualquer revista comercial ela é apresentada ao leitor de forma colorida e com temática sedutora, atraindo o seu consumidor à compra. O substantivo *aventura* (abenteuer) é a ideia central do seu texto, ressaltando na sua experiência um convite ao exótico, fazendo escolha por aquilo que não é habitual na cultura alemã (JENSSEN, 1972. N° 44, pp.10-11).

Imagem 01- Capa de abertura do relato de viagem



Fonte: Fix und Foxi, n° 44. Capa.

Na primeira parte da série, o autor fala que a sua vinda ao Brasil foi de navio e que passou quatro semanas no mar. Em terra, faz menção à beleza do Pão de Açúcar, imagem conhecida pelos alemães, e inicia em detalhes a sua pitoresca viagem do Rio de Janeiro a Belém, percorrendo mais de 3000 km. Da janela do ônibus avistou Belo horizonte e Brasília, passando por perigosas pontes de madeira, estradas em sua maioria sem asfalto e que eram trafegadas em grande velocidade por dois motoristas no ônibus, que se revezavam entre si, de 4 em 4 horas. Na cidade de Belém, apresenta-a como uma cidade encantadora, com seu povo de cor morena e de vestes coloridas. Chama-lhe atenção o imenso fluxo de transeuntes no centro da cidade e os tantos couros de jacaré desembarcados dos navios no porto.

Após permanecer alguns dias na cidade, ele viajara de avião para Óbidos, de onde deveria tomar outro voo até à Missão Tiriyo. Em Óbidos, ele fora recebido pelos frades franciscanos que se encarregaram de mostrar-lhe a região. Nesta cidade, ele destaca duas experiências que teve, sendo a primeira o passeio de barco no rio Amazonas, durando 8 horas de barco até uma fazenda. Lá, ele se depara com a vida dos fazendeiros que criam o seu gado na floresta, lutando incansavelmente contra as enchentes anuais e contra o reflorestamento natural da mata. O segundo relato se deu ao conhecer um ex-comerciante de madeira alemão que, por se encontrar aposentado, queria criar um cinema em Óbidos. Este senhor alemão o convidara para uma refeição no domingo, que seria uma tartaruga. Ao falar deste animal, apresenta-o como gigantesco e que teria capacidade de decepar um dedo com a sua mordida. O texto se encerra dizendo que ele não aceita a refeição porque no dia seguinte viajaria para a Missão Tiriyo e que o assunto continuaria no próximo artigo. Martin Jenssen nas duas páginas dessa edição traz um Brasil grande, difícil de ser “cortado” por ônibus e de barco, com animais exóticos, e que possui uma população colorida na tez e nas vestes.

Das duas fotos presentes no texto, a primeira faz o registro do rio Amazonas no verão em Óbidos, retratando o seu pouco volume de água. Dentro do rio se refrescam algumas crianças corajosas, não temendo as perigosas piranhas. A última foto é do frei Angélico Mielert na Missão. Segundo o autor, o religioso perdeu o medo da floresta ainda em Óbidos, pois lá ele criara uma aranha pássaro. O missionário é registrado com uma grande barba e sem camisa, tendo ao fundo a rede e a parede da casa feita de palha, segundo o costume indígena.

Imagem 02 – rio Amazonas no verão



JENSSEN, Martin. Abenteuer Amazonas teil 1: Schildkröte als Sonntagsbraten.

Fix und Foxi, Munique, n° 44, p, 10. 1972.

Na edição seguinte, *Fix und Foxi* n° 45, a capa traz o tema “O pequeno grande Winni<sup>xviii</sup>” sem alusão ao grupo amazônico. Jenssen inicia o texto sobre os Tiriyo com o título “O trabalho missionário não é lamber açúcar<sup>xvii</sup>” (JENSSEN, 1972. p.10). Fazendo pouco sentido na lógica portuguesa, podemos acreditar que esse título se refira ao trabalho árduo desenvolvido pelos missionários na Missão. As impressões do autor sobre os Tiriyo, nesse episódio, aparecem pouco, preferindo fazer uso do texto para descrever a dura realidade dos seus co-cidadãos, adaptados na grande floresta ao propagar ‘cultura’ e ‘civilização’.

Os religiosos citados pelo autor foram Frei Cirilo Haas e Frei Angélico Mielert. A sua apresentação faz menção às dificuldades encontradas pelos missionários para estabelecer contatos com os Tiriyo, dissipando primeiramente a barreira física entre Óbidos e a Missão, somando mais de 700 km pelos rios Trombetas e Paru de Oeste, e depois os limites culturais, vencido somente pelo domínio da língua. Após falar a língua Tiriyo e ganhar a sua confiança, os frades convenceram o líder Yonaré de “aceitar ajuda dos brancos<sup>xvii</sup>” (JENSSEN, 1972 p.11), permitindo que os religiosos fixassem morada entre eles e introduzissem instrumentos técnicos<sup>xviii</sup>.

Quanto aos Tiriyo, às impressões apontadas por Jenssen “pouco falam” sobre as características do grupo, quiçá as suas escolhas se pautassem numa análise mais ampla daquela realidade, obrigando-o a fazer recortes ao escrever apenas duas páginas. A princípio, aquele ambiente se revelou para ele como inóspito, ocultando naquele calor tropical as estranhezas de um mundo desconhecido, repleto de animais e insetos que podiam causar-lhe mal. Afinal, não fazia muito tempo que uma onça fora morta rondando a Missão. O primeiro contato com os Tiriyo não foi produtivo, causando-lhe a impressão de não ter sido recebido com cordialidade. A barreira só foi rompida após três dias, depois de se tornar conhecido, passando a interagir com eles através de gestos.

Limitado por suas poucas páginas, ele escolheu apresentar ao seu leitor a imagem dos caçadores que voltavam de uma caçada. De cor morena e porte atlético, traziam os seus corpos pintados de vermelho, de uma substância que servia para proteger dos mosquitos, deixando apenas os rostos com tinta preta, que com os seus sinais simbólicos revelavam mais seriedade. Atrás dos homens vinham as mulheres trazendo consigo as espingardas e os animais capturados. Outra menção feita acerca deles aconteceu com o relato de uma reunião na praça da Missão, onde os rituais de canto e dança aconteciam enquanto ele conversava ao redor da fogueira com os dois missionários. O limite linguístico inviabilizou o seu acesso ao universo cultural Tiriyo, sendo preferível ouvir o que tinha a dizer os missionários, influenciando dessa maneira no seu relato. A falta de comunicação dificultou dar voz aos indígenas, não registrando no seu texto os traumas coletivos do contato e, principalmente, as perspectivas do grupo para o futuro.

Quatro imagens dividem espaço com o texto. A primeira imagem retrata algumas crianças com idade entre 7 e 9 anos, que brincam com uma cobra não peçonhenta, a qual media mais que 1 metro; já a segunda e a terceira retratam um homem e uma mulher enfeitados. Para Jenssen os homens são mais vaidosos que as mulheres. A última imagem registra a celebração da colheita, na foto celebram a cana de açúcar.

Imagem 03 – crianças brincando com uma cobra. Nela aparece frei Cirilo



Fonte: JENSSEN, Martin. Abenteuer Amazonas teil 2: die Missionsarbeit ist kein Zuckerlecken. *Fix und Foxi*, Munique, n° 45, p. 10. 1972.

A última parte do relatório da viagem abre a capa da revista *Fix und Foxi* n° 46 com o tema em negrito “*Aventura na Amazônia. Tudo sobre Albatroz<sup>xix</sup>*”, dando continuidade ao relato de campo. Iniciando o artigo o autor faz uso do título, “*A estrada para os Tiriyo está chegando cedo demais<sup>xxx</sup>*” (JENSSEN, 1972. p.18), revelando a preocupação com o inevitável contato dos Tiriyo com outros brasileiros. Diferente dos primeiros textos, o autor traz mais informações nessa edição sobre os indígenas, compartilhando no relatório a ideia dos religiosos que temiam a conclusão da estrada que ligaria Santarém à Missão, antecipando esse contato. Eles entendiam que os indígenas ainda não estavam preparados e que os missionários deveriam “correr contra o tempo” para socializá-los.

Jenssen inicia o episódio ressaltando a sua experiência numa aldeia que estava distante da Missão 20 km, enquanto acompanhava frei Cirilo em uma celebração dominical. O acesso à aldeia se dava por uma estrada construída pelos frades, permitindo-os chegar de unimog. Na chegada foram recepcionados por crianças e pelo líder Yonaré, que segundo o seu relato estava com um calção de banho e uma camisola desgastada. Para ele, a postura daquele líder com sua posição ereta e braços cruzados revelavam sua dignidade. O relato destaca ainda a parentela de Yonaré com suas quatro esposas e 12 filhos, enaltecendo a sua habilidade de caçador por ser capaz de alimentar tão grande família.

Para a compreensão da existência de aldeias próximas à Missão, devemos recorrer ao movimento descentralizador que surgiu a partir de 1970. Esse evento surgiu com alguns chefes de família e, principalmente, com o ‘pata entu’ Yonaré, que abandonaram o convívio com os religiosos, preferindo uma vida isolada, em que podiam com facilidade encontrar o que caçar. Vale lembrar que eles mantinham ligação com a Missão através dos serviços ofertados de saúde, educação e trabalho. Segundo Frikel (1971), um dos motivos da saída foi a falta de alimento. A permanência de um grande aglomerado de pessoas levou à escassez de animais no entorno, fazendo-os caçar e plantar cada vez mais longe. Outro aspecto importante registrado em seu livro foi o desentendimento entre os idosos e jovens, marcando uma bipolarização dos que mantiam os costumes e os que estavam abertos às novidades. No que compete às antigas práticas, alguns chefes de família conservavam os seus costumes religiosos distante do olhar recriminador dos missionários. Um terceiro ponto deve-se à reocupação do território<sup>xxi</sup>, possibilitando através desse movimento uma redistribuição dessas famílias para lugares distantes.

Voltando à Revista, o redator cita o grande gesto de hospitalidade de Yonaré aos frades, considerando frei Cirilo como um irmão branco. Ele disse que no início o missionário recebia ajuda do cacique para a alimentação, inclusive lhe foi ofertado uma mulher<sup>xxii</sup>. O religioso não aceitou a mulher para si dizendo que, se assim o fizesse, perderia o seu poder de pajé branco. Socialmente aquela oferta atenderia às necessidades do religioso, que sendo de idade madura e não adaptado àquela realidade, poderia ter naquela mulher a ajuda necessária para obter o seu sustento. O autor faz-nos saber que a hospitalidade entre os indígenas é algo inerente à cultura, pois esse mesmo cacique recebia a cada dois anos a visita de parentes Tiriyo vindos do Suriname<sup>xxiii</sup>, oferecendo em sua casa abrigo para 40 ou 50 pessoas. Durante o tempo que passavam com ele, entre três a quatro meses, o anfitrião, junto com os homens visitantes, deveria garantir o sustento de todo o grupo.

De volta à Missão, o redator partilha sobre as novidades que um avião da FAB havia levado. Frei Cirilo lhe explica que o Governo Federal já havia iniciado a rodovia Transamazônica, sendo que já se trabalhava no Sul do Amazonas, e que não tardaria para que o projeto que havia de ligar a cidade de Santarém à Missão fosse iniciado. A preocupação do religioso estava na rapidez com que esse projeto se desenvolvia, não havendo tempo necessário para uma lenta adaptação dos Tiriyo. A solução encontrada seria adaptá-los o mais rápido possível à vida de agricultor.

Entretanto, a pobreza do solo não favorecia o desenvolvimento de muitas culturas, necessitando corrigir o solo para que ele se tornasse produtivo. Baseado em informações dos frades, Jenssen diz que o território Tiriyo é composto por 95% de estepe improdutivo e 5% de floresta. Essa afirmação foi confirmada pelo engenheiro agrônomo Albert Elfes em 1973, após desenvolver estudos sobre o solo do território, a pedido dos agentes, cujo objetivo se fazia para o estabelecimento de um projeto autossustentável na região. Esse problema inviabilizava uma contínua exploração do mesmo solo. Com respeito à pecuária, até aquele momento os indígenas não se alimentavam de carne de gado e a sua introdução seria um problema, pois se recusavam alimentar-se dos animais que eles criavam. Segundo os seus costumes, não era comum matar e se alimentar de um animal que por eles fossem criados. Por essas duas razões, os religiosos viam com receio o projeto de socialização dos Tiriyo, por não vê-los plenamente inseridos na nova realidade.

Jenssen encerra o seu texto se despedindo dos religiosos e dos amigos que fez entre os Tiriyo. Na verdade, o seu adeus é para a ‘cultura’ indígena que ‘acabaria’ com a chegada da rodovia, estabelecendo ali uma pequena cidade e transformando os índios em fazendeiros, comerciantes e artífices. Na sua compreensão, ou o índio se tornava ‘civilizado’ ou morreria. Não havia a possibilidade de uma coexistência entre os Tiriyo e não-índios. Quanto mais ‘civilizados’ eles fossem mais distantes estariam do ser índio. Dentro do avião, ele sobrevoa a Missão e se despede respondendo aos

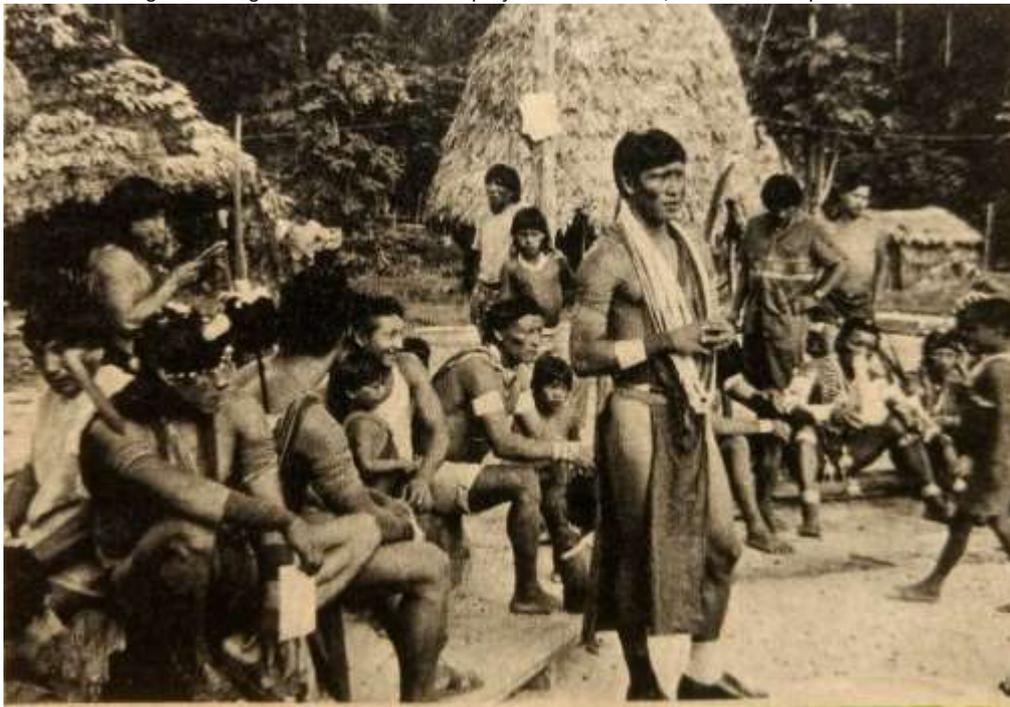


acenos dos indígenas e dos missionários, acreditando que nunca mais iria voltar naquele lugar. Assim, ele encerra a matéria.

Importa ressaltar que o projeto de extensão da BR 163 até a Missão e ao Suriname não avançou, existindo hoje somente o acesso aéreo operado pela FAB e demais Órgãos de interesse na região. A BR 163 se conectaria à Perimetral Norte (BR 210), estabelecendo contato dos Tiryó com Santarém e outras cidades.

Nas fotos, o autor explora a imagem de uma reunião na praça da aldeia, onde os Tiryó compartilhavam a sua experiência de caça. Na segunda temos imagem do ‘pata entu’ Yonaré com suas esposas na missa, com um livro de canto escrito em Tiryó na mão. A última imagem é colorida e registra uma criança nos braços da mãe, puxando os cabelos compridos do pai.

Imagem 04 – registro de uma reunião na praça da Missão velha, aldeia fundada por Yonaré.



Fonte: JENSSEN. Martin. Abenteuer Amazonas ietzter teil: die straÙe nach Tirio kommt viel zu fröh. **Fix und Foxi**, Munique, n° 46, p, 18. 1972.

Tanto Kauka como Jossen compartilham a mesma ideia de desaparecimento dos indígenas. O primeiro traz o termo extermínio aplicando à realidade beligerante ocorrida nos Estados Unidos, pondo fim à existência daqueles que ousaram desafiar as investidas dos dominadores. Jossen, por sua vez, defende a opinião de que os Tiryó deixariam de existir ao entrar em contato com a ‘civilização’. No seu texto ele repete um pensamento ouvido na Amazônia que diz: “seja civilizado ou morra!<sup>xxiv</sup>” (n°46. p. 19). Para o autor, não existe lugar para ser Tiryó com o advento da ‘civilização’. Quanto mais ‘civilizado’ fosse o indígena, mas distante ele estaria de suas raízes culturais. Nessa teoria o fim dos Tiryó estava próximo, não acreditando que houvesse outra saída.

## CONCLUSÃO

A história brasileira é marcada pela presença de viajantes estrangeiros que muito contribuíram com suas observações. Pensar um objeto a partir de diferentes relatos nos possibilita maior domínio espacial e, principalmente, enxergar as mudanças ocorridas com o passar do tempo. O desaparecimento étnico anunciado pelo autor, devido o contato com a ‘civilização’, foi incapaz de prever as conquistas agenciadas<sup>xxv</sup> pelos Tiryó, no qual lhes possibilitou inúmeros resultados como grupo. Unidos, eles resistem ao tempo lutando pela garantia dos seus direitos e dominando os códigos dos



'civilizados', interagindo na sociedade brasileira ao fazer uso de suas leis. O processo de territorialização que foram submetidos lhes garantiu acesso à educação e interação com outros grupos étnicos, com os quais são compartilhadas experiências, lutas e conquistas, reescrevendo desse modo, uma história de resistência em contraposição àquilo que se acreditava como um iminente desaparecimento étnico, apresentado na Revista através do conceito de extermínio e assimilação cultural pelo contato

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Albert Elfes. *Relatório das atividades do engenheiro agrônomo Elbert Elfes na Missão Tiriós durante o período de 3 de maio de 1972 a 30 de maio de 1973*. Datil. Curitiba, 20 de jun. 1973, p. (Arquivo Provincial, Recife. Pasta sobre a Missão Tirió, assunto convento e paróquias).

BRIGHENTI, Clovis Antonio. Movimento indígena no Brasil. In: WITTMANN, Luisa Tombini(Org). **Ensino (D) e História indígena**. Belo Horizonte: autêntica, 2015, pp. 143-175.

FIX & FOXI: Rolf Kauka, der deutsche Walt Disney, und seine Kultfüchse 10.06.2018 - 09.09.2018. [S.l.]. *Ludwiggalerie Schloss Oberhausen*. Disponível em < <http://www.rheinischemuseen.de/ausstellung/5088170> > acesso em 12 dez. 2018.

Fix und Foxi: Rolf Kaukas großer Welterfolg. [S.l.]. *Wilhelm Busch – Deutsches Museum für Karikatur und Zeichenkunst*. Disponível em <<https://www.karikatur-museum.de/programm/ausstellungen/fix-und-foxi/>>. Acesso em 12 dez. 2018

Frei Cirilo Haas. *Ao senhor Secretário Executivo da Fundação Nacional do Índio*. datil. Tirió, 01 de agosto de 1968, p.p 1-8. (Arquivo do Convento de Belém, assunto Missão Tirió).

Frei Angélico Mielert. *Relatório da Missão Tirió do ano de 1973, ao Ministério do Interior, Fundação Nacional do Índio-FUNAI*. Gabinete do Presidente. Assunto: 1º seminário FUNAI/MISAO de 05-10 de nov. de 1973 em Brasília. Ofício circular nº 211/73, Missão Tirió, datil. 14 de set. de 1973, p. 1-10. (Arquivo Provincial, Recife. Pasta sobre a Missão Tirió, assunto convento e paróquias).

FRIKEL, Protásio. **Dez anos de aculturação Tirió: 1960-70**. Belém: Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, n.16, 1971.

GLASER, Tadeu. Coleta em prol da Missão Tirió. **Revista de Santo Antônio**. Recife: ano XX. nº 10, dez. 1972, p.05.

Vom Heft ins Museum: Es gibt nicht viele Dinge, die Generationen verbinden. Bei den Abenteuern von Fix und Foxi ist das anders. Dank eines Porsche-Urenkels kriegen die beiden Füchse erstmals eine eigene Ausstellung. **Handelsblatt**, [S.l.], 11 novembro 2016. Disponível em < [https://www.handelsblatt.com/arts\\_und\\_style/lifestyle/tv-film/fix-und-foxi-vom-heft-ins-museum/14832892.html](https://www.handelsblatt.com/arts_und_style/lifestyle/tv-film/fix-und-foxi-vom-heft-ins-museum/14832892.html) > acesso em 12 dezembro 2018.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Elementos para uma sociologia dos viajantes. In: OLIVEIRA, João Pacheco de (Org.). **Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil**. São Paulo: Marco zero, 2002. pp. 84-148.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016

REVIÈRE, Peter Gerard. A Report on the tribo indians of Surinam. In: *Nieuwe West-Indische Gids*. Surinam: KITLV. Disponível em <<http://www.kitlv-journals.nl/index.php/nwig/article/viewFile/5388/6155>> Acessado em 03 de dez. 2015, 12:01:00.

JENSSEN, Martin. Abenteuer Amazonas teil 1: Schildkröte als Sonntagsbraten. **Fix und Foxi**, Munique, nº 44, pp, 10-11. 1972.

JENSSEN, Martin. Abenteuer Amazonas teil 2: die Missionsarbeit ist kein Zuckerlecken. **Fix und Foxi**, Munique, nº 45, pp, 10-11. 1972.

JENSSEN, Martin. Abenteuer Amazonas ietzter teil: die straÙe nach Tirio kommt viel zu früh. **Fix und Foxi**, Munique, nº 46, pp, 18-19. 1972.



L'ESTOILE, Benoît de. Dos “selvagens românticos” aos “povos primeiros”. A herança primitivista nos museus e na antropologia. In: OLIVEIRA, João Pacheco; SANTOS, Rita de Cássia Melo (Orgs.). **De acervos coloniais aos museus indígenas: formas de protagonismo e de construção da ilusão museal**. João Pessoa: UFPB, 2019. Pp. 71-100.

CEDI. Povos indígenas no Brasil. São Paulo: CEDI, 1983. 3 v.

SZTOMPKA, Piotr. A Sociologia da Mudança Social. 2° ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

TODOROV, Tzvetan. Nós e os Outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana. V.1 Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

## NOTAS

<sup>i</sup> As revistas de nº 44, 45 e 46, usadas para esse artigo, foram traduzidas por Fr. Hermann J. Cürten.

<sup>ii</sup> Situados “nas serras do Tumucumaque e Acaraí...Habitam a região das cabeceiras dos rios que se originam nesses divisores de águas: no Brasil, os rios Panama, Marapi, Cuxaré, Paru de Oeste e Paru de Leste(Okomoke) e os rios Paloemeu, Tapanahoni e Chipariwini, nos lado Surinamense” (CEDI, 1983, p.185).

<sup>iii</sup> Frei Cirilo Hass através do relatório, “Ao senhor Secretário Executivo da Fundação Nacional do Índio”, expressa que o principal objetivo da missão seria inserir os indígenas na economia não índia. Para este fim, os religiosos deveriam prepará-los para o contato com outros brasileiros de forma gradual, antecipando dessa forma o inevitável.

<sup>iv</sup> Relatório de frei Cirilo Haas ao senhor Secretário Executivo da Fundação Nacional do Índio.

<sup>v</sup> Relatório de frei Cirilo Haas ao senhor Secretário Executivo da Fundação Nacional do Índio.

<sup>vi</sup> A Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil, no ano em estudo, fazia-se presente em sete Estados no Nordeste, no Pará e na Alemanha. No relatório publicado por Frei Tadeu Glaser em 1972, na revista Santo Antônio, a coleta em prol da Missão Tiriyo tinha sido feita em 30 lugares onde os frades trabalhavam, somando uma quantia de Cr\$ 4.105,96 (Revista de Santo Antônio, 1972).

<sup>vii</sup> O Museu Alemão de Caricatura e Desenho (Wilhelm Busch Deutsches Museum für Karikatur & Zeichenkunst) classifica a *Fix und Foxi* como uma revista colorida, engraçada e educativa. Devido o sucesso de suas tiragens ela foi comparada como a versão alemã de *Mickie e Mouse* da *Walt Disney*, chegando a publicar no seu auge 400,000 exemplares por semana. <https://www.karikatur-museum.de/programm/ausstellungen/fix-und-foxi/>.

<sup>viii</sup> Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a vencida Alemanha foi obrigada reparar os danos de guerra causados aos países vencedores. Também lhe fora imputada inúmeras medidas que limitava a reorganização do seu exército e, principalmente, da sua poderosa indústria diminuindo o seu poder de competição.

<sup>ix</sup> FIX & FOXI - Rolf Kauka, der deutsche Walt Disney, und seine Kultfuchse, título original da exposição. <http://www.rheinischemuseen.de/ausstellung/5088170>.

<sup>x</sup> Mesmo com a venda da editora, Kauka permaneceu com os direitos sobre a *Fix und Foxi*.

<sup>xi</sup> Dos três quadrinhos que trazem como propaganda a Missão Paru de Oeste, dois recebem destaque na capa com o título em negrito “Abenteuer am Amazonas”, ou seja aventura na Amazônia. Nesta chamada temos um convite ao exótico, onde os missionários alemães são apresentados como aqueles que se aventuram ao levar ‘civilização’ àquele povo.

<sup>xii</sup> A matéria traz o título “Vom Heft ins Museum” e aconteceu em 2016.

<sup>xiii</sup> Nur so kann man den Rothäuten den gewaltigen Sprung vom Steinzeitalter ins Atomzeitalter erleichtern.(FIX UND FOXI, 1972. N° 44 p. 2). Seguiu-se todo período na íntegra.

<sup>xiv</sup> Título original “ Von einem FF-Redakteur erlebt: Abenteuer am Amazonas!”.

<sup>xv</sup> Título original “Der kleine Winni ganz groß”.

<sup>xvi</sup> Título original “Die Missionsarbeit ist kein Zuckerlecken”.

<sup>xvii</sup> No original, “die hilfe der weißen anzunehmen”, temos nessa frase a ideia salvadora já discutida acima, na qual a presença dos religiosos/Estado impediria a existência de conflitos a exemplo do ocorrido com os indígenas dos Estados Unidos.

<sup>xviii</sup> O período que se refere o autor trata dos anos que os missionários conviveram com os Tiriyo de forma experimental, de 1959 a 1964. Após 5 anos entre eles avaliaram essa experiência como positiva, oficializando esse compromisso entre a Província Franciscana e a Força Aérea Brasileira.

<sup>xix</sup> Título original “Abenteuer Amazonas. Alles über den Albatros”.

<sup>xx</sup> Título original “ die straÙe nach Tirio kommt viel zu früh”.

<sup>xxi</sup> A década de 1970 é um período importante para a reorganização política dos indígenas, proporcionando conhecer e compartilhar da luta indígena em todo o Brasil. Esse período é conhecido como o Movimento Indígena (BRIGHENTI,



---

2015). Nessa década surgem algumas movimentações política dos Tiriyo, lutando pela demarcação da terra, cobrando do poder público e dos religiosos um melhor atendimento.

<sup>xxii</sup> Na sociedade Tiriyo a mulher tem um papel fundamental na dinâmica social da família, ela é responsável pela coleta de frutas, cultivo da terra e sua colheita, cuidar dos filhos, carregar lenha, fazer panelas e forno de beiju, tipoias, fios de rede, tangas, cintos, enfeites etc. Compete ao homem caçar, proteger o grupo, abrir novas áreas cultiváveis na floresta, fazer canoas e remos, arcos e flexas, redes e cordas, colheres, cestos ou peneira (FRIKEL, 1971); (Fr. Angélico Mielert. Relatório da Missão Tiriyo do ano de 1973).

<sup>xxiii</sup> O território Tiriyo é cortado pela fronteira do Brasil com o Suriname. Rivière (s.d), escreve sobre a relação de contato entre os Tiriyo e os agentes no Suriname e sobre a formação de missões com missionários evangélicos.

<sup>xxiv</sup> Texto original “Sei zivilisiert oder stirb!”(FIX UND FOXI 1972, N° 46 P.19)

<sup>xxv</sup> Conceito utilizado na Sociologia para o estudo das transformações sociais motivadas por uma ação coletiva (SZTOMPKA, 2005).

